

Arte-educação como elo de interdisciplinaridade e ação de extensão

Art Education as Interdisciplinary Link and Extension Action



Resumo

Uma ação extensionista foi realizada em uma escola municipal por universitários para estimular as crianças a propor um ambiente escolar a partir de sua imaginação. O desenvolvimento ocorreu através de palestras, desenhos, maquetes e confecção de peças ornamentais com material reciclado. Os resultados apontaram o interesse dos alunos por um espaço escolar adequado às suas idades e necessidades.

Palavras-chave: Ambiente Escolar; Multidisciplinar; Atividades Artísticas.

Abstract

An extension action was taken in a public school for students to stimulate children to come up with environment from your school imagination. The development took place through lectures, drawings, models and production of ornamental pieces with recycled materials. The results showed students interested by an adequate school space their ages and needs.

Keywords: School Environment; Multidisciplinary; Artistic Activities.

Nara Rejane Zamberlan dos Santos¹
Amanda Machado²
Elaine Batista Cordeiro³

¹Doutora em Engenharia Florestal. Prof. Associada Universidade Federal do Pampa campus São Gabriel. narazamberlan@gmail.com;

²Acadêmica do Curso de Engenharia Florestal. Universidade Federal do Pampa campus São Gabriel. aolmachado@gmail.com;

³Acadêmica do Curso de Engenharia Florestal. Universidade Federal do Pampa campus São Gabriel. c.batistaelaine@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O atual descaso com a educação brasileira nos retrata um quadro de escolas desprovidas de qualidade construtiva e conforto ambiental. A criação e a presença de escolas remetem a uma simples construção de um prédio composto de mobiliário simples, sem adaptações às diferentes necessidades dos alunos e com um reduzido quadro de servidores que terão de dar conta da educação e formação destas crianças.

Mas onde estão os espaços de convivência social, das brincadeiras, da contemplação e do lazer, atributos essenciais para a formação destes jovens, amanhã cidadãos providos de responsabilidades e multiplicadores de saberes e deveres?

Para Fernandes; Elali (2008),

a escola é, portanto, um espaço de desenvolvimento e aprendizagem e, para que isto ocorra, é preciso que a criança não se sinta limitada, nem por barreiras espaciais nem por restrições da equipe pedagógica, ao mesmo tempo em que aprende a lidar com regras e normas, outra exigência da vida em sociedade
(FERNANDES; ELALI, 2008, p.42)..

No âmbito da escola, é onde as crianças se consolidam em termos de educação, mas também é onde estes atores sociais desenvolvem imagens, signos e conceitos em seu imaginário, pois segundo Brasil (1996, p.01), em sua Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, convivência humana, trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, movimentos sociais e organizações da sociedade civil e manifestações culturais.

Hoje, é lamentável o estado físico das escolas e o total abandono das áreas de recreação. Segundo Ulrich (1993), resultados de pesquisas nas áreas das ciências cognitivas sugerem a hipótese plausível de que a exposição a ambientes naturais aumenta a criatividade e a organização funcional cognitiva em geral.

Porém, o que mais vemos são escolas sem locais para práticas esportivas, recreação infantil, áreas de convivência que denominamos pátios escolares, embora na visão de Fredrizzi (2006):

o interesse pelos pátios escolares tem aumentado devido a dois fatores: primeiro, o espaço para as crianças brincarem vem diminuindo, consideravelmente, em função do crescimento da criminalidade, do tráfego de veículos nas ruas e pelo fato das crianças estarem mais atarefadas com atividades que as mantêm dentro de instituições; segundo, há o interesse em favorecer o conhecimento ecológico, promovendo a interação das crianças com o espaço aberto (FREDRIZZI, 2006, p.97).

Daí a necessidade de proposição de atividades, além das pedagógicas formais, que incluam as manifestações artísticas, culturais e espaços para brincadeiras e interação, pois conforme relatado por Amorim (2005), a criança desde pequena sofre influência da cultura de seu meio, mesmo havendo autonomia na exploração e no fazer artístico; suas produções revelam a época (histórica), o local em que vive e as oportunidades de aprendizagem pelas interpretações que realiza, assim, para a autora, a arte é a linguagem da alma, traduzindo o que, em certas ocasiões, as palavras não dão conta de significar.

O brincar é uma atividade lúdica que, embora fundamental em qualquer idade, se faz necessário na idade entre três e sete anos, pois as brincadeiras são modos utilizados para descobrir e experimentar o mundo que as cerca, além de se organizar e se socializar (MORAES e CARVALHO, 1987).

Dessa forma, a interdisciplinaridade proposta no ensino aprendizagem nas escolas pode lançar mão da arte como linguagem comum, pois conforme Brasil (1997), a arte está num conjunto de saberes, fazendo a criança criar e possibilitando-a desenvolver seu conhecimento, associando-o com o global e demonstrando sua época e possibilitando um registro de forma significativa.

Diante deste quadro de falta de atenção ao assunto e das dificuldades de manutenção, o objetivo da presente ação foi desenvolver atividades junto a alunos de uma escola municipal no intuito de desvendar suas percepções sobre o pátios e a proposição de suas ideias a respeito da elaboração de um projeto específico para o local.

A ideia norteadora foi estimular a integração da universidade com a educação básica através de ações de cooperação, objetivando-se inovar algumas práticas pedagógicas com o uso de novas metodologias e, assim buscar a elevação da qualidade de ensino e de permanência em uma escola pública.

A ação se justifica pela busca do aprendizado coletivo, usando meios como palestras, desenhos e maquete como recurso didático, de modo que as crianças percebam a importância do meio ambiente, da reciclagem e da criação de uma consciência individual e coletiva sobre os ambientes de convivência.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido em uma escola no município de São Gabriel, Rio Grande do Sul, envolvendo turmas da 3ª e 4ª séries, num total de 29 alunos.

Quanto ao espaço, a escola possui uma área frontal, praticamente desprovida de vegetação, sendo o local dos alunos maiores permanecerem durante o recreio e onde ocorrem as atividades cívicas devido à presença de mastros para recepcionar as bandeiras. Em uma das laterais existe uma praça de brinquedos, com avarias (falta de correntes nos balanços, pinturas desgastadas, ausência de areia para dar fixação aos equipamentos e amenizar possíveis quedas) e na outra lateral há um espaço destinado a uma quadra esportiva que há anos tem sido reivindicada às autoridades competentes. Ao fundo, o espaço é destinado à realização de atividades com outras propostas de extensão e também serve como pátio escolar. O local é mais sombreado.

do devido à presença de árvores frondosas no lote lindeiro e significa o único espaço com a presença, embora alheia à área, de vegetação.

Conforme Fedrizzi, Tomazini e Cardoso (2003) os pátios escolares podem ser classificados, sendo denominados de Classe I - pátio com boa vegetação; Classe II - pátio com relativa vegetação (ou vegetação regular); Classe III - pátio com vegetação ruim; e Classe IV - pátio árido ou sem vegetação.

No caso da escola trabalhada encontramos um pátio que se enquadra na Classe III, isto é, não possui uma boa vegetação.

Para o desenvolvimento das atividades propostas e em função da disponibilidade da carga horária dos alunos, as ações foram divididas em cinco momentos:

1. Palestras a respeito da importância da vegetação, da recreação e do reaproveitamento de materiais;
2. Expressão por meio de desenhos dos alunos, sobre seu imaginário a respeito de pátios escolares;
3. Análise dos desenhos para verificar as preferências coletivas;
4. Elaboração coletiva de uma maquete como recurso didático com as propostas da turma; e
5. Confecção de utensílios com materiais recicláveis para compor o pátio proposto.

RESULTADOS

Baseado nas condições da escola, com a falta de espaços específicos para recreação, convivência e com uma proposta de interdisciplinaridade com ênfase nas manifestações artísticas, foi realizada a ação de extensão envolvendo alunos universitários do Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Pampa, campus São Gabriel.

Palestras

Estas atividades tiveram como eixos principais a importância da vegetação, dos pátios escolares e da reciclagem de materiais que poderão compor espaços de convivência.

Quanto à vegetação, foi mostrado os diferentes grupos vegetais e a sua importância: as herbáceas para o revestimento do solo, evitando que tanto a correria das crianças como o impacto das gotas de chuva e da ação do vento provoquem efeitos erosivos que irão expor o solo, diminuindo sua fertilidade e compactando a sua camada superficial; os arbustos, de porte médio a pequeno que são responsáveis pelo maior fechamento das áreas, mas contribuem, em sua maioria com floradas expressivas; e as árvores, cuja contribuição se faz sentir na atenuação da temperatura, no aumento da umidade relativa, na formação de áreas sombreadas, além dos processos fisiológicos que resultam na liberação do oxigênio que nos permite respirar.

Mesmo tendo sido transmitidos estes ensinamentos em sala de aula a ênfase foi para a percepção do vegetal como elemento vital aos seres vivos, da sua

presença como elo de integração com a natureza e as possibilidades de se formarem espaços vegetados em escolas.

O segundo tema abordado foram os pátios escolares, sua importância para a recreação e convívio nas horas de recreio ou em atividades didáticas. O fato é que as crianças trazem a ideia do ambiente vivido e, por consequência, não se dão conta das múltiplas possibilidades que a escola poderia oferecer. Por sua vez, a própria família não tem esta percepção e aos professores, assoberbados com seus conteúdos, não lhes é possível um tempo livre para propor ações neste sentido.

O último tema da palestra versou a respeito da reciclagem com resíduos gerados no cotidiano como as garrafas pet, pneus, caixas de leite, entre outras. Foram apresentadas imagens de outras experiências realizadas com esta temática, em que estes materiais transformaram-se em vasos, floreiras e bancos em ambientes escolares. Houve uma boa interação por parte dos alunos pois o assunto suscitou interesse entre eles, pois não lhes haviam até então proporcionado discutir sobre seus gostos, preferências e espaços possíveis no âmbito da escola.

Desenhos

Após as palestras foram entregues aos alunos folhas em branco, para que eles pudessem expressar através de desenhos o pátio que imaginavam para sua escola. Foi delimitada uma área a qual serviria de suporte às diferentes manifestações.

Embora com a singeleza dos traços, observou-se que utilizaram todo o espaço “disponível” para a possível criação do “seu” pátio.

Para Sans (2001) a criatividade deve ser considerada como parte essencial do homem; ela proporciona equilíbrio à vida, auxílio em seu cotidiano e nas resoluções de problemas e desta forma tornando-o um ser mais criativo, além disso ele considera que a arte deve ser inserida na educação como forma de estimular o pensamento criador, para que a imaginação da criança e seu intelecto não se separem.

Análise dos desenhos

A apreciação dos mesmos demonstrou a carência de locais específicos para esta convivência e a ideia de composição que as crianças apresentam.

Houve quase uma unanimidade sobre a necessidade de árvores frutíferas nativas, árvores com flores, bancos, vasos floridos, presença de objetos reciclados e de grama.

Fedrizzi (2006) comenta que em pátios pequenos é importante eleger as reais e principais demandas da comunidade, pois existe a falta de espaço. A organização espacial deve, ao máximo possível, diminuir e controlar a correria e as áreas devem ter múltiplos usos; a vegetação deve ser protegida dos usuários.

Uma das espécies vegetais mais enfatizadas pelos alunos nas diferentes fases do trabalho foi o ipê amarelo, certamente pela sua florada expressiva e pelo fato de ser mencionado como um símbolo nacional.

Elaboração de maquete

A elaboração da maquete representou neste processo não somente uma alternativa de procedimento didático para a representação do imaginário coletivo. A representação tridimensional tornou possível a representação da paisagem escolar de forma integrada entre concreto e abstrato, entre sonho e realidade.

Após as palestras, elaboração dos desenhos e discussões com análise das preferências individuais que geraram uma contribuição coletiva, a maquete representou o meio didático de expressão do espaço vivido, percebido e concebido.

A representação por meio da maquete norteará a busca (através de doações e em alguns casos de compra) dos materiais que compõem o espaço, caso haja a sensibilização dos dirigentes e dos pais, pela necessidade da incorporação da paisagem natural e lúdica em complemento à construída. O objetivo da mesma, entre outros, foi levar o aluno a visualizar o futuro espaço e a se somar na busca da concretização desta meta, pois conforme Souza (2007), a manipulação de materiais concretos faz com que o aluno envolva-se, fisicamente, em uma situação de aprendizagem ativa.

A maquete produzida pelas crianças apresentou cercamento feito com palitos e cordões, árvores frutíferas com o uso de galhinhos secos onde foram colocadas folhas, flores e frutos de papel; tampinhas de garrafas constituíram vasos com flores representadas por tecidos reciclados e o verde da grama de papel foi vasado para a colocação de fatias de rolhas que representavam não somente um caminho, mas também serviriam para o jogo da “amarelinha” que consiste em marcações no solo onde a criança joga uma pedrinha nas casas e sem perder o equilíbrio deverá atingir o “céu”.

Bancos foram previstos para o descanso e acompanhamento das brincadeiras, além dos materiais recicláveis que darão o acabamento.

Para Amorim (2005, p.36):

As crianças passam a utilizar papéis de diferentes tamanhos e formas, lixas, tecidos, partes de caixas, isopor e plástico. Os papéis oferecem inúmeras possibilidades: rasgados, picados, amassados, recortados, amarrados, colados, desenhados. Como não há limites para a imaginação de uma criança quando lhe são oferecidas experiências diferenciadas (...) (AMORIM, 2005, p.36).

Observou-se que mesmo sendo o primeiro trabalho, desta natureza, desenvolvido pelas crianças as mesmas apresentavam noções de espacialidade, localizando os demais espaços da escola e correlacionando as áreas ocupadas (construídas ou propostas).

Para Almeida (2004), as relações espaciais topológicas elementares são as primeiras relações que a criança estabelece para a sua percepção espacial, como de vizinhança (o que está ao lado), de separação (fronteiras e limites), de ordem (antes e depois) de envolvimento (em torno de) e continuidade (o espaço forma o todo).

O desenvolvimento pessoal e a sensibilização das crianças por vezes encontram barreiras, fruto de de sua própria cultura e vivência, como a distinção que se impunha entre atividades dos meninos (construção das áreas esportivas) e das

meninas (preencher os vasinhos com flores). A confecção das árvores e a preparação do material para caracterizar as áreas gramadas, por terem sido, previamente, trabalhadas com a turma com o uso de imagens, relatos e informações sobre a sua importância no ambiente, foram tratados com naturalidade, sem distinções, demonstrando que os assuntos à medida em que são apresentados e discutidos não geram discriminações ou posses.

A construção dessa atividade demonstrou que o trabalhar em grupo gera novas relações dos alunos diante de seus colegas, ora de cooperação e por vezes de disputa, o que leva a procedimentos paralelos com a classe, fazendo-os perceber as semelhanças e as diferenças para que possam desenvolver suas habilidades com autonomia, imaginação e respeito, sabendo emitir opiniões e receber críticas.

A maquete permaneceu em exposição para os demais alunos da escola e, principalmente, para os pais que deveriam se apropriar das ideias das crianças no intuito de iniciar a construção de uma área ajardinada para realização de atividades inerentes aos conteúdos ministrados e como opção de lazer e recreação.

Confecção de utensílios com materiais recicláveis

A partir de modelos mostrados aos alunos e da coleta de materiais, foram confeccionados alguns utensílios que servirão de elementos ornamentais do jardim.

O uso do material alternativo, caracterizado como sucata no contexto das artes, pode ser reaproveitado com criatividade na construção de jogos, brinquedos e materiais pedagógicos.

Este material, embora pareça sem valor, tem um alto potencial educativo e nas palavras de Machado (2010, p. 11) [...] a sucata, infinitamente rica e cuidadosamente tratada, pode ser usada como um simples jogo de criança ou como material intencional das aulas em diferentes espaços.

Segundo Kaufmann (2014, p.11), a criança, ao produzir estes brinquedos, também aprende a trabalhar e a transformar materiais, além de perceber que a sua imaginação não tem limites.

DISCUSSÃO

A realização de atividades de extensão envolvendo a Universidade e a comunidade externa expressa por escolares, professores e pais em torno de temas ambientais e sociais habilita os acadêmicos ao desenvolvimento de ações cidadãs, projeta seus conhecimentos de forma interdisciplinar e os prepara para a vida profissional.

Para as crianças foi a oportunidade de agregar conhecimentos através de novas estratégias pedagógicas com linguagem adequada, proporcionando a formação de uma consciência crítica alicerçada na construção conjunta e democrática.

A escola deve proporcionar aos alunos um ambiente saudável e acolhedor que possibilite descobertas, novas formas de aprendizagem e permita a livre expressão desenvolvendo as suas identidades, pois segundo Borges (2005) a escola nesta fase da vida acrescenta, depois da família, o primeiro campo de socialização destes atores.

A experiência vivida e partilhada com os pais reflete a construção do sujeito através de atividades de cunho artístico, criativo e participativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação aqui relatada aponta não somente a intervenção extensionista da universidade em uma escola, com a promoção da identificação dos desejos das crianças com um local que seja “só seu”, mas também buscou promover a interdisciplinaridade, os conceitos de sustentabilidade e, principalmente, o fazer coletivo.

Os pátios escolares, como todo o ambiente escolar de convivência social, devem ser planejados para que atendam aos interesses e às necessidades de seus usuários, com especificidades referentes às suas idades. Tais espaços devem ser mantidos envolvendo os alunos para que deles se apropriem, pois não se ama ou se respeita o que não se conhece.

O sentido de pertencimento, de criação de “lugares”, de identificação individual no processo coletivo conduz o aluno a se sentir acolhido, parte daquela proposta, e a se identificar como sujeito.

Conclui-se então que há necessidade de se rever as práticas pedagógicas, de modo a explorar e experimentar novas técnicas, usar novos materiais e obter novas respostas.

O projeto não se finaliza com estas ações, ao contrário se renova, pois este foi uma experiência piloto, com resultados positivos. Novos alunos virão, novos pátios deverão ser criados, maior a necessidade lúdica destas crianças devido à falta de espaços em seus lares e cada vez é maior a necessidade de se estimular a visão crítica, a imaginação e a observação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. P.; ZACHARIAS, A. A. A leitura da nova proposta do relevo brasileiro através da construção de maquete: o aluno do ensino fundamental e suas dificuldades. Estudos Geográficos, Rio Claro, Ano II, n.1., janeiro/junho 2004, p.53-73.

AMORIM, E. Expressão artística. In: UNESCO, Banco Mundial, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho. A Criança Descobrendo, Interpretando e Agindo sobre o Mundo. Brasília: UNESCO, Banco Mundial, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 2005.136 p. (Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância. Cadernos Pedagógicos; 2). p. 19 – 42.

BORGES, S. A escola como parceiro-sintoma. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php.view/1315/1358>>. Acesso em: 10 maio 2012.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso:10 setembro 2015.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREDRIZZI, B.; TOMASINI, S. L.; CARDOSO, L. M. A vegetação no pátio escolar: um estudo para condições das escolas municipais de Porto Alegre – RS. In: III ENECS – Encontro Nacional sobre edificações e comunidades sustentáveis. São Carlos, SP, 2003. Disponível em: <http://www.elecs2013.ufpr.br/wp-content/uploads/anais/2003/2003>. Acesso em: 20 janeiro 2015.

FREDRIZZI, B. Subsídios para projetos de pátios escolares públicos em Porto Alegre. ArqTexto. n. 8. 2006. p. 96-101.

FERNANDES, O. de S.; ELALI, G. A. Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: O que aprendemos observando as atividades das crianças. Paidéia, v.18, n.39, 2008, p.41-52.

KAUFMANN, C. A arte-educação contribuindo para a educação ambiental mediante a utilização de materiais alternativos/sucata no processo pedagógico. Unoesc & Ciência – ACHS, Joaçaba, v. 5, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2014.

MACHADO, M. M. O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar – atividades e materiais. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SANS, P. de T. C. Pedagogia do Desenho Infantil. São Paulo: Átomo, 2001.

SOUZA, S. E. de. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. Disponível em: <http://www.mudi.uem.br/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.pdf> Acesso: 08 junho 2015.

ULRICH, R. S. Biophilia, Biophobia and Natural Landscapes. In: S. R. Kellert & E. O. Wilson (Eds). The Biophilia Hypothesis. Island Press. Shearwater Books. Washington DC, 1993.